

Sandra Aymone

A HISTÓRIA QUE MORA NAS COISAS



VENDA PROIBIDA

AUTORA
Sandra Aymone

PREPARAÇÃO E REVISÃO
Katia Rossini

PROJETO GRÁFICO
Linea Creativa

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Sílvia N. Martins Prado

ILUSTRAÇÃO
Felipe Rostodella

COLABORAÇÃO
William Bossolani

REALIZAÇÃO
Fundação Educar DPaschoal
www.educardpaschoal.org.br
F: (19) 3728-8085

Agradecemos aos nossos parceiros a colaboração na distribuição destes livros: Hiperion Logística, Jamef Transportes LTDA., Trans-Iguaçu Transportes, Transportadora Capivari LTDA.

Esta obra foi impressa na Citygráfica Artes Gráficas e Editora Ltda. em papel cartão (capa) e couche fosco (miolo).
Esta é a 1ª edição, 3ª reimpressão, datada de 2013, com tiragem de 24.000 exemplares.

Sobre a Fundação Educar DPaschoal

Criada em 1989 para a promoção da educação cidadã como estratégia de transformação social, desenvolveu inicialmente a “Academia Educar”, que promove a formação de núcleos de lideranças juvenis em escolas públicas, criando oportunidades para que o jovem descubra seu potencial, tornando-se capaz de transformar sua realidade, a de sua escola e da comunidade.

Em 1999, criou o “Prêmio Trote da Cidadania”, que estimula o empreendedorismo universitário como forma de propagar práticas sustentáveis e a participação cidadã no ambiente acadêmico.

Em 2000, iniciou o projeto “Leia Comigo!”, que produz e distribui gratuitamente livros infanto-juvenis que incentivam o gosto pela leitura, facilitam o aprendizado na escola e o pleno desenvolvimento da criança e do jovem. São histórias que contribuem para a construção de cidadãos e uma visão mais humanista.

A DPaschoal acredita que incentivar a leitura e o debate crítico é o melhor caminho em direção ao verdadeiro desenvolvimento do país e da sociedade.

Deloitte.

A tiragem e a prestação de contas referentes
a esta publicação foram conferidas pela Deloitte.



A HISTÓRIA QUE MORA NAS COISAS

Sandra Aymone



Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

Aquelas férias já tinham começado bem para os quatro amigos: Serginho, Carolina, Julinho e Luciana... E, pelo jeito, iam ficar melhores ainda!

O avô de Luciana, vô Leo, tinha acabado de se mudar para uma chácara no interior e convidou a neta e seus amigos para passar uns dias com ele.

O lugar era uma delícia! Tinha frutas de todo tipo no pomar e até uma hortinha de temperos. Tinha também uma trilha às margens de um lindo riacho de águas transparentes, que corriam sem parar, fazendo barulhinhos que só os riachos sabem fazer!

Julinho deitou-se sobre a grama, ao lado do riachinho, dizendo:

– Por mim, passo o resto das férias assim, só olhando pras nuvens e ouvindo a água correr!



Luciana e Carolina acharam a ideia ótima. Sentaram-se, tiraram os tênis e mergulharam os pés na correnteza.

– Pois eu vou ver o que é que tem no final da trilha... – disse Serginho, todo animado.

– Ah – respondeu Luciana –, você só vai encontrar uma casinha caindo aos pedaços, construída num terreno ao lado da chácara. Acho que ela não tem dono...

Serginho seguiu pelo caminho estreito até chegar à tal casa. Curioso, percebeu que a porta estava aberta e entrou. O lugar estava bem sujo, parecendo abandonado, mas havia móveis e objetos deixados pela última pessoa que viveu ali.





Sobre uma mesa, Serginho viu dois pares de óculos velhos. Pegou aquele que estava inteiro, para poder examinar melhor, e não resistiu à tentação de experimentá-lo. Logo que o colocou diante dos olhos, algo fantástico aconteceu. Percebeu que podia ver coisas e pessoas que não estavam ali antes! Ao olhar o outro óculos sobre a mesa, ouviu uma voz misteriosa:

“A palavra óculos vem do latim ‘ocularium’, que eram buracos feitos nos capacetes dos antigos soldados romanos, para que eles pudessem enxergar.

No primeiro século depois de Cristo, artesãos descobriram que, cortando o cristal de rocha em camadas finas, poderiam obter lentes de aumento. Mais de mil anos depois, foi criado, na Alemanha, o primeiro par de lentes com aros de ferro.



Os óculos só ficaram mais confortáveis 300 anos depois: surgiram o “pincenê”, que se prendia no nariz por uma mola, e o “lornhão”, duas lentes adaptadas a uma armação sem hastes.

Os óculos com hastes apoiadas nas orelhas só começaram a ser usados depois de 1600”.

Incrível! Aqueles óculos deviam ser mágicos! Foi só colocá-los e Serginho assistiu, como em um filme, a um pouco da história do objeto!

– Que coisa! – pensou. – Nunca imaginei que os óculos tivessem uma história tão bacana... Será que a mágica funciona com outros objetos? Vou experimentar.

Dirigindo-se à cozinha, talheres que estavam sobre a pia chamaram sua atenção. Colocando novamente os óculos, olhou fixamente para eles e, no mesmo instante, novas imagens apareceram, acompanhadas da voz:



“Usar talheres foi uma evolução para a humanidade. Até 900 anos atrás, as pessoas comiam com as mãos. Naquela época, os mais educados eram os que conseguiam levar a comida à boca usando apenas três dedos!

As primeiras facas eram feitas de pedra e, depois, de ferro e bronze. A partir do século XVII, eram feitas de prata e simbolizavam riqueza. Os primeiros garfos possuíam apenas dois dentes. As primeiras colheres eram pedaços de madeira ou chifres de boi em forma de concha”.

Serginho guardou os óculos, com cuidado, e correu ao encontro dos amigos. Correu tão depressa que, ao chegar lá, não conseguia falar. Segurava o objeto com uma das mãos, enquanto apontava para eles com a outra, sem que ninguém pudesse entender nada!



– O que você quer com estes óculos? – perguntou Julinho. – Descobriu que tem algum problema na vista?

– Eles são mágicos! – conseguiu dizer, finalmente, o menino. – Venham comigo!

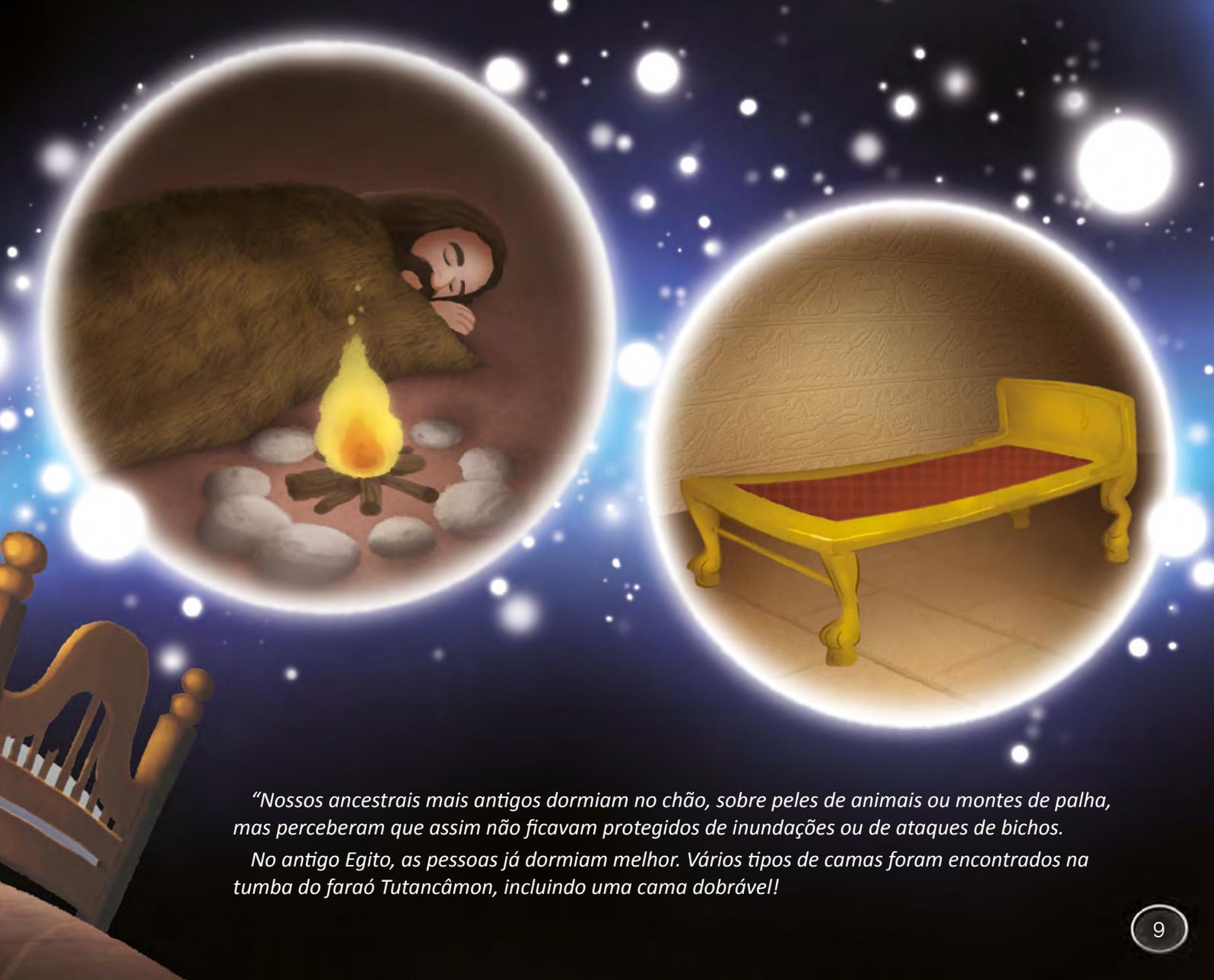
Ninguém queria se levantar dali, mas a curiosidade venceu, e seguiram o amigo até a casinha. No caminho, ele contou o que havia acontecido. Era difícil de acreditar, mas, como Serginho não mentia nunca, decidiram que valia a pena conferir.

– Você sabe quem morou naquela casa, Luciana? – quis saber Carolina. – Com certeza os óculos eram dele!

– Não sei, não – respondeu a menina –, mas podemos perguntar pro vovô.

Ao chegar ao local, tiraram no par ou ímpar quem iria colocar os óculos primeiro. Carolina ganhou e quis ir até o quarto, onde havia uma velha cama. Num instante, ao olhá-la, a história deste móvel passou diante de seus olhos!





“Nossos ancestrais mais antigos dormiam no chão, sobre peles de animais ou montes de palha, mas perceberam que assim não ficavam protegidos de inundações ou de ataques de bichos.

No antigo Egito, as pessoas já dormiam melhor. Vários tipos de camas foram encontrados na tumba do faraó Tutancâmon, incluindo uma cama dobrável!

Os romanos faziam seus banquetes deitados em divãs repletos de almofadas.

Na Europa, durante a Idade Média, se usava um leito cercado por colunas de madeira e cortinas, como proteção contra o frio.



Outras sociedades criaram formas diferentes de repousar. Os índios preferem as redes, e os japoneses colocam colchões sobre esteiras de palha de arroz."

– Inacreditável! – exclamou a menina. – Além de conhecer a história da cama, eu também vi as pessoas que já dormiram nesta, aqui no quarto! Ela é muito antiga. Seu último dono foi um senhor que tinha um jeito meio triste...

– Poxa... – admirou-se Luciana. – Olhando, a gente não diz que estes objetos podem ter tanta história!



Julinho encontrou um pente no banheiro e também quis fazer a experiência. Depois que a voz acabou de falar, ele contou aos amigos o que tinha visto e ouvido:



“A palavra ‘pente’ vem do latim ‘pecten’, que é o nome de uma concha com formato semelhante aos dentes deste objeto. Civilizações muito antigas já fabricavam pentes, usando ossos de animais e madeira.

Para os egípcios, os pentes eram objetos de luxo. Muitos deles eram cobertos por ouro e pedras preciosas. Foram os romanos os responsáveis por reduzir seu tamanho, de modo que, hoje, possamos levá-los até mesmo no bolso.”

As crianças ficaram encantadas! Os óculos tinham tornado o mundo das coisas um lugar mil vezes mais interessante! De repente, Serginho teve uma ideia...

– A gente podia criar um museu! Aqui mesmo, nesta casa! Podemos procurar o dono e pedir autorização... O museu mostraria estes objetos e muitos outros. Pode ser qualquer coisa que usamos no nosso dia a dia... coisas às quais a gente nem dá importância! Daí, com a ajuda dos óculos, vamos escrever as histórias de cada uma delas e colocar ao lado!

– Boa, Serginho! – aprovou Luciana. – Vai ficar sensacional!

Luciana lembrou que estava quase na hora do lanche. Precisavam voltar. Guardaram os óculos em uma gaveta e pegaram o caminho de volta. Todos acharam melhor não contar nada ao vovô, naquele momento. É que os adultos, às vezes, não acreditam nas coisas mágicas...



Durante o lanche, perguntaram sobre o antigo morador da casinha. Vô Leo contou:

– Já faz tempo que ele morreu. Ouvi falar que era um professor muito culto e respeitado, que vivia na capital. Seu nome era Teodoro. Um dia, ficou muito doente. O médico o aconselhou a morar no campo, e ele veio para cá. Passava o dia todo em casa, lendo um livro atrás do outro e pesquisando sem parar. Por causa da doença, nunca mais deu aulas. Antes de morrer, Teodoro doou sua casinha para o município, pois seu sonho era transformar o local em um centro cultural. Que pena! Até agora não se fez nada lá... Tem gente que fala em demolir a casa.

Se Teodoro soubesse disso, iria ficar bem triste!

– Pois agora acho que ele vai ficar contente! – exclamou Carolina.



O avô não entendeu, mas logo Serginho disfarçou, dizendo que era maluquice da menina.

Vô Leo era sabido... Naquela hora, deixou passar. Mais tarde, porém, chamou sua neta Luciana para uma conversa.

Já no outro dia, quando as crianças tentaram voltar à casinha do professor, encontraram o caminho fechado! Uma cerca de bambu tinha sido colocada na trilha; dos dois lados, o mato era fechado, não dava para passar. A frustração foi grande.

Luciana contou que tivera de falar sobre os óculos ao avô, mas não entendia o porquê daquela cerca.

– Com certeza, já começaram a demolição! Adeus, óculos mágicos! Adeus, museu! – lamentou Julinho.

Naquele dia, não viram mais o vovô.



Os dias foram passando...

Certa manhã, vô Leo chegou exclamando:

– Surpresa!

Pedi que as crianças o seguissem; todos pegaram a trilha que levava até a casa do professor Teodoro. No caminho, viram que a cerca tinha sido retirada e a passagem estava novamente livre. Quando chegaram, quase não acreditaram no que viam!

A casinha estava restaurada, parecia nova! Vovô explicou:

– Depois que Luciana me contou a história dos óculos, resolvi ir até a prefeitura saber o que ia ser feito com a casa. Descobri que o projeto de transformá-la em centro cultural tinha ficado parado porque não tinham conseguido decidir se ia ser um museu, uma galeria... Aí dei a ideia do “museu das coisas”, e eles adoraram! Só que vamos precisar muito de vocês para montar a exposição, com a ajuda deste objeto maravilhoso...

Dizendo isso, vô Leo tirou do bolso os óculos mágicos e entregou-o, sorrindo, às crianças, que pulavam de contentamento.

– Vamos convidar todas as crianças da cidade para nos ajudar! – disse Serginho.

– Ótimo! – aprovou o Vovô. – Ah, ia me esquecendo. Venham ver se gostaram do nome...

O avô retirou de trás da porta uma placa na qual se lia:



Que emoção! Com certeza o museu ia ser um sucesso! E, finalmente, o professor Teodoro iria poder compartilhar toda a sua sabedoria!

ESTE MUSEU DESEJA QUE, A PARTIR DE AGORA, VOCÊ ESTIMULE SUA CRIATIVIDADE E SE ENCANTE COM O MUNDO A SUA VOLTA. VALORIZE OS OBJETOS QUE O CERCAM NO DIA A DIA, PESQUISE E CONHEÇA SUA HISTÓRIA. LEMBRE-SE: QUALQUER OBJETO PODE SER SUPERINTERESSANTE, POIS CARREGA CONSIGO UM PEDACINHO DA HISTÓRIA DA HUMANIDADE.





educação

“A verdadeira viagem da descoberta consiste não em buscar novas paisagens, mas em ter olhos novos.”

Marcel Proust



Fundação
EDUCAR | **Leia Comigo!**

Agradecemos aos parceiros que investem em nosso projeto.

DPASCHOAL



Ministério da
Cultura

